

A potência do olhar tecnodiscursivo na análise da escrita de si em redes
sociais virtuais¹

The power of technodiscursive look in the self-writing analysis in virtual
social networks

La potencia de la mirada tecnodiscursiva en el análisis de la escritura de sí
mismo en las redes sociales virtuales

Tamires Ferreira Coêlho

Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo

Analisamos a exposição e as narrativas de si feitas por uma das mulheres guaribanas entrevistadas e observadas na rede social *Facebook* entre 2014 e 2017. Guaribas é uma cidade do Sertão do Piauí marcada por uma forte cultura patriarcal e por seu contexto de empobrecimento. Buscamos entender a escrita de si das mulheres sertanejas, o processo de relatar a si mesmas no *Facebook*. A natureza tecnodiscursiva do que foi analisado na rede social nos levou a uma análise discursiva digital. As imagens e, principalmente os selfies, e demais mensagens que circulam no *Facebook* das mulheres guaribanas fazem parte de uma construção enunciativa que ultrapassa a própria materialidade desse conteúdo compartilhado em rede.

Palavras-Chave: escrita de si, mulheres sertanejas, *Facebook*.

Abstract

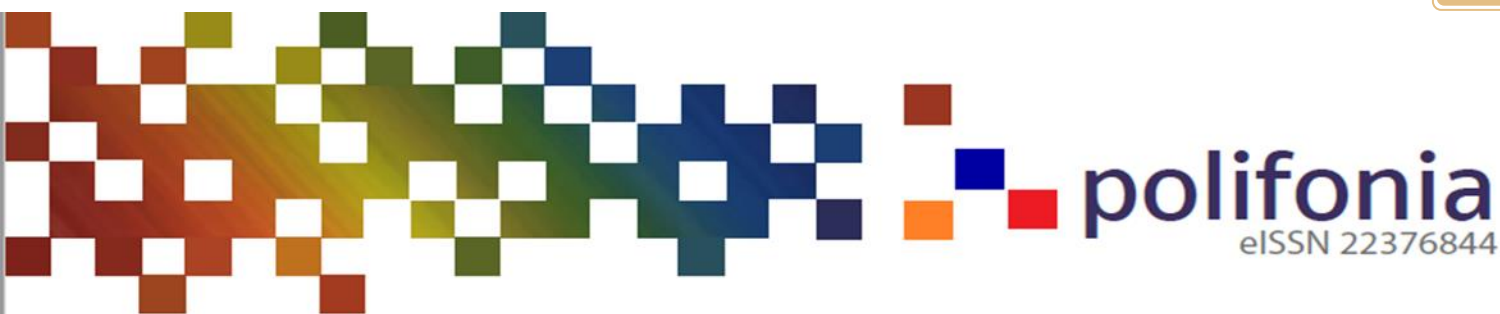
We analyzed the exposition and the self-narratives made by one of the women from Guaribas who was interviewed and observed in the social network *Facebook* between 2014 and 2017. Guaribas is a city of Piauí's Sertão (an specific region away from urban centers and cultivated land), marked by a strong patriarchal culture and by its context of impoverishment. We sought out to understand the self-writing from the women who belonged to this area, and the process of self-reporting on *Facebook*. The technodiscursive nature of what was analyzed in the social network led us to a digital discursive analysis. The images, and especially the selfies, and other messages that circulate on *Facebook* of Guaribas women are part of an enunciative construction that surpasses the materiality of this shared network content itself.

Keywords: Self-writing, sertão women, *Facebook*.

Resumen

Analizamos la exposición y las narrativas de sí mismas realizadas por una de las mujeres guaribanas entrevistadas y observadas en la red social *Facebook* entre 2014 y 2017. Guaribas es una ciudad del Sertón de Piauí marcada por una fuerte cultura patriarcal y por su contexto de empobrecimiento. Buscamos entender la escritura de sí misma de las mujeres del Sertón, el proceso de narrarse en *Facebook*. La naturaleza tecnodiscursiva de lo analizado en la red social

¹ Uma versão preliminar deste texto foi submetida ao 28º Encontro Anual da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. O artigo deriva de pesquisa de doutorado da autora junto à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com bolsa CAPES.



nos levou hasta un análisis discursivo digital. Las imágenes, y especialmente las selfies, y otros mensajes que circulan en *Facebook* de las mujeres guaribanas son parte de una construcción enunciativa que supera la propia materialidad de este contenido compartido en la red.

Palabras clave: escritura de sí mismo, mujeres del Sertão, *Facebook*.

1 Introdução

*Escrever é dar movimento à dança-canto que meu corpo não executa.
A poesia é a senha que invento para poder acessar o mundo.*
Conceição Evaristo, *Cadernos Negros*²

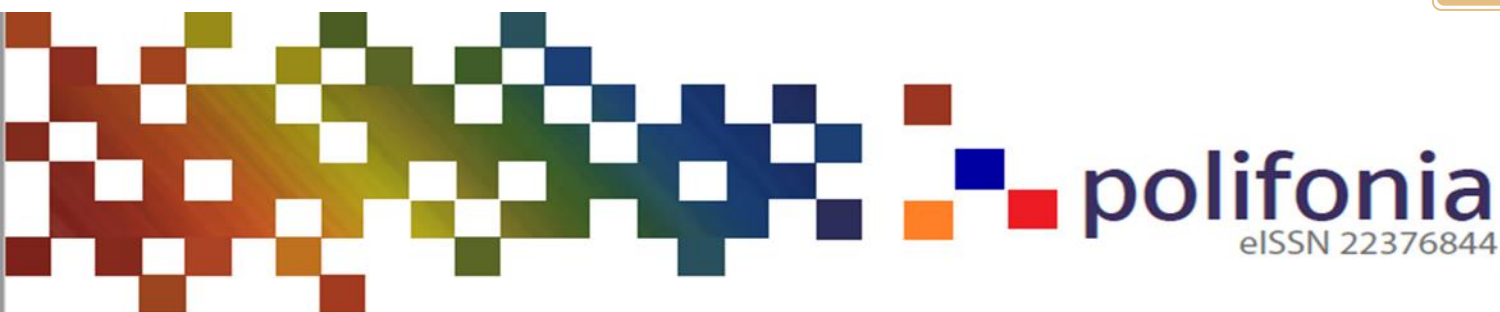
O Nordeste (72,8%) é a segunda região com maior proporção de domicílios que possuíam apenas telefone móvel celular em 2015 (IBGE, 2016). A adesão da população sertaneja às redes sociais virtuais também tem crescido e, apesar de a rede *Facebook* já existir desde 2004, o crescente uso dessa plataforma em pequenas cidades do Sertão piauiense ainda pode ser considerado um fenômeno recente, potencializado com a chegada dos celulares e *smartphones*, bem como do acesso disponibilizado por pontos de internet livre em espaços públicos. De acordo com a Agência de Tecnologia da Informação do Piauí, em novembro de 2017, Guaribas foi a segunda cidade do interior piauiense com maior número de conexões nos pontos de internet (13.031)³. Com 4.489 habitantes (IBGE, 2017), a cidade está situada a cerca de 650km de Teresina, na região da Serra das Confusões, divisa com a Bahia.

Guaribas ainda figura entre as cidades de menor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal⁴ do Piauí e do Brasil, embora esse mesmo índice tenha duplicado em apenas dez anos, o que foi resultado de melhorias e investimentos em saúde, educação e distribuição de renda, sobretudo a partir do Programa Fome Zero e, posteriormente, do Bolsa Família. As mulheres figuram como grande maioria das pessoas beneficiadas pelos programas de combate à pobreza do governo federal, principalmente pelo Bolsa Família, o que pode impulsionar sua autonomia

² Testemunho publicado em *Cadernos Negros* 25. Este fragmento está disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevencia/?content_link=2>. Acesso em: 17 abr. 2018.

³ Dados do Governo do Piauí. Disponível em: <<http://www.pi.gov.br/materia/ati/pontos-de-internet-livre-registraram-mais-de-250-mil-conexoes-em-novembro-4156.html>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

⁴ Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/Y4A>>. Acesso em 05 maio 2016.



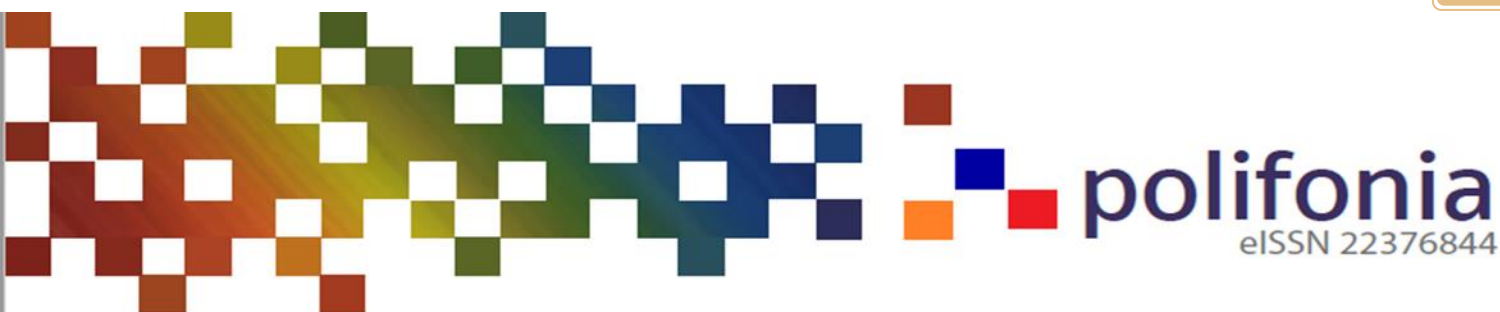
financeira; no entanto, isso não impede que muitas opressões se perpetuem na relação com os homens de seu lar e de suas comunidades. Não é raro escutar relatos de maridos que “administram” os benefícios recebidos por suas companheiras, limitando o acesso ao dinheiro que elas recebem e usufruindo individualmente da quantia que deveria ser voltada para despesas familiares.

É necessário apontar a existência também de uma vulnerabilidade moral no entorno de mulheres sertanejas empobrecidas, sobretudo de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família, uma vez que são constantemente alvo de criminalização e culpabilização por sua condição de pobreza: seriam responsáveis por uma suposta procriação desenfreada e se acomodariam a receber uma assistência que, na verdade, apesar de ajudar muito, não garante o sustento de uma família com dignidade. Simultaneamente, as mulheres em Guaribas carregam uma enorme cruz, cujo peso é constituído de normas patriarcais e extremamente misóginas: “na pequena Guaribas, a mulher ficar presa em casa em dias de festa, o alcoolismo e a infidelidade masculina são histórias contadas com naturalidade” (CAPAI, 2013).

Este artigo parte de uma pesquisa que investigou a “exposição e as histórias/enunciados elaborados/tecidos por sertanejas piauienses na rede social *Facebook*⁵, identificando possíveis articulações entre processo de enunciação e a construção de um devir autonômico”. Analisamos a exposição e as narrativas de si feitas por mulheres guaribanas entrevistadas e observadas na rede social *Facebook* entre 2014 e 2017. Inspirando-nos em Margareth Rago (2013) e Butler (2015), buscamos entender a escrita de si das mulheres sertanejas, o processo de relatar a si mesmas, transitando entre construções narrativas que ora se aproximam de uma escrita autobiográfica, ora se assemelham a uma perspectiva confessional ou testemunhal. Levamos em consideração de antemão que as condições de produção discursiva no processo de criação de selfies e da exposição e escrita digitais não são as mesmas para pessoas com diferentes condições (e restrições) de expressão.

Ao ressaltar as condições simbólicas e materiais, destacamos, sobretudo, as situações de proibição de acesso às redes sociais que muitas meninas e mulheres sofrem por parte dos companheiros/maridos e pais, além da própria precariedade da rede de internet disponível nesta

⁵ O *Facebook* é uma das redes sociais com maior adesão no mundo. Essa rede social foi fundada em 2004, por Mark Zuckerberg, e hoje disponibiliza ferramentas de interação e aplicativos aos seus usuários, que são representados por perfis.

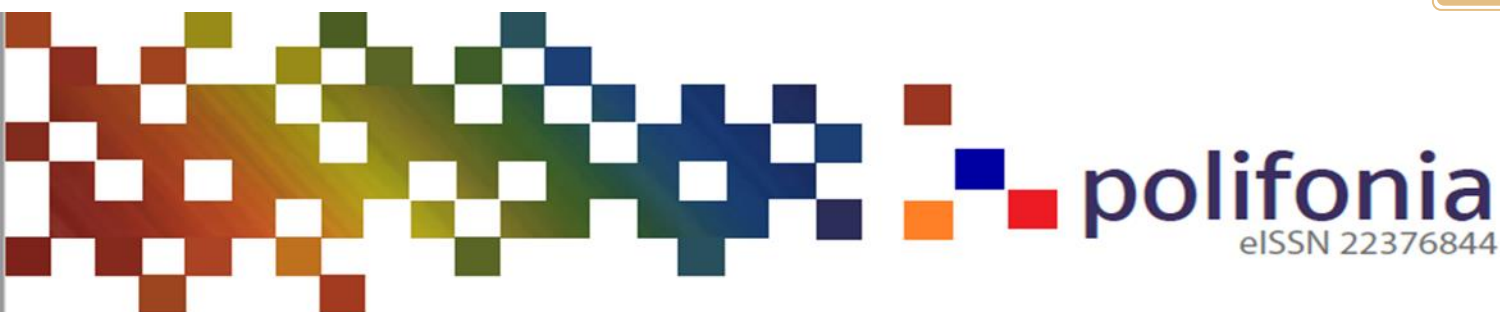


região, bem como da possibilidade de acesso a dispositivos móveis que geralmente não são os mais avançados, até pela condição de aquisição em um contexto de empobrecimento. Vale enfatizar que o acesso à água e à energia elétrica ainda não chegou para todas as pessoas e que muitas comunidades ainda sofrem com a ausência de direitos básicos na região sertaneja.

Assim como Butler e Rago, recorreremos a uma reflexão ética voltada às “técnicas de si” (apropriação de si) foucaultianas e sabemos que nem toda história contada se constitui enquanto um processo de relato de si. “O que faria do que estamos investigando algo propenso a ser observado à luz da escrita de si?” foi uma pergunta que nos acompanhou durante parte do processo científico-artesanal da pesquisa doutoral que levou à escrita deste texto: ao colocar-se em cena no *Facebook*, a mulher sertaneja se apropria de si, constrói modos de existência ao se autorrepresentar criativamente.

As sertanejas conectadas são mulheres que se narram, que se representam e se constituem (não só, mas também) no *Facebook*, verbal e imagetivamente (e, por que não, poeticamente, à sua maneira?). Elas são aqui desvinculadas dos rótulos de vitimização e acomodação comumente atribuídos por meios de comunicação hegemônicos e pelo fotojornalismo tradicional, que frequentemente enquadra a pobreza e não as sujeitas. Essa poesia está na construção de imagens que podem fugir de estereótipos, nas resistências do cotidiano e nas pequenas subversões, ainda que não sejam vistas nem classificadas com todos esses conceitos acadêmicos nas palavras e expressões delas. Ao mesmo tempo, está nas palavras e nos argumentos com os quais não estão acostumadas a trabalhar, mas que são compartilhados porque se encontram em uma mensagem de autoajuda ou em outra postagem religiosa que viraliza na rede; elas ali se reconhecem de alguma maneira e encontram sentidos.

Em nossa pesquisa, as estratégias suplantaram o modelo formal de entrevista semiestruturada, exigindo abertura, flexibilidade, paciência e sensibilidade para tentar outras abordagens que propiciassem situações de fala por parte das mulheres investigadas. Essas situações de fala, bem como seus conteúdos, a partir de uma perspectiva interseccional, visibilizaram tipos de opressão e de valores que incidem de forma diferente nas práticas cotidianas (e midiáticas) dessas



mulheres. Partimos de uma combinação entre teoria fundamentada⁶, netnografia⁷ e análise tecnodiscursiva⁸ dos conteúdos em circulação nos perfis de redes sociais.

No caso das mulheres que pesquisamos, bem como daquela que destacamos neste texto, e de suas interações e exposição atravessadas por uma plataforma de rede social, faz-se necessário pontuar que não há possibilidade de mapear todos os vínculos e interações, já que uma postagem e/ou uma interação pode gerar inúmeras outras interações/manifestações online (inclusive privadas) e presencialmente. A circulação intensa de sentidos e de conversações provenientes de uma interação nas redes sociais (implicados no processo de mediação) se dá não somente ao posicionar-se, ao afirmar seu pensamento ou ao expressar sentimentos momentâneos, mas também nas ações de vigilância social que emergem nos círculos sociais das mulheres investigadas.

Focamos, neste artigo, em um perfil escolhido dentre as entrevistadas mais ativas na rede social, para nos desdobrarmos sobre sua escrita verbo-imagética. Ressalta-se também que não é possível generalizar essa experiência como “receita” ou “padrão” sobre o que é ser mulher guaribana. Simultaneamente, há especificidades que atravessam, com intensidades distintas, as vidas de todas as mulheres que constituíram a pesquisa, configuradas pelo contexto geográfico, dentre outros elementos, a exemplo de gênero, raça e classe.

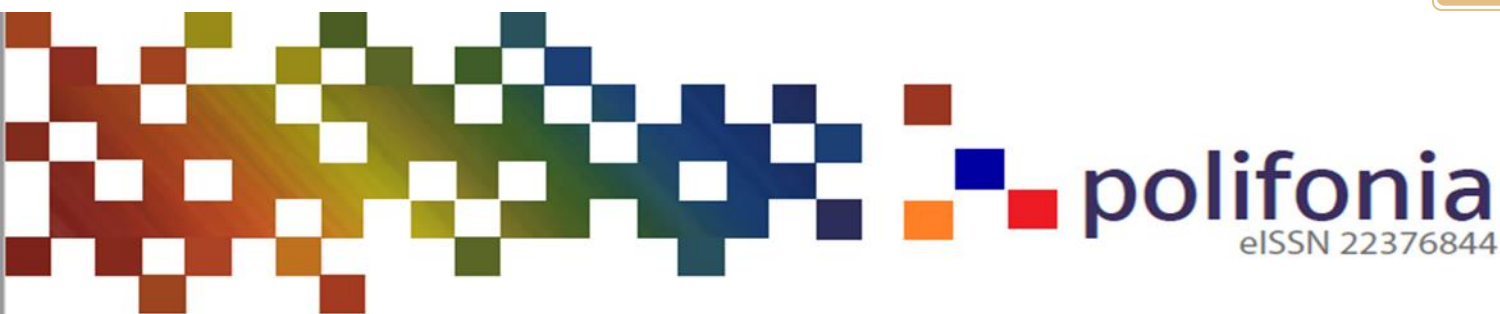
2 Narrar-se e aventurar-se na escrita de si

A potência criativa das narrativas é considerada também a partir das estruturas de poder às quais se entrelaça, de forma a vermos tanto o que tenta determiná-las quanto sua mobilidade e suas possibilidades de escape (GUIMARÃES, 2006, p. 8). “[...] minha fala também é um tipo de fazer, uma ação que acontece no campo de poder e que também constitui um ato de poder” (BUTLER,

⁶ Para Leite (2016, p. 56), a *Grounded Theory* se configura como uma “abordagem de pesquisa alicerçada em dados, os quais devem ser construídos e revelados a partir de um forte processo dialógico entre pesquisador e pesquisados, buscando evocar as experiências dos participantes da investigação”, valorizando o que é vivido durante o processo investigativo.

⁷ Uma adaptação do estudo etnográfico às comunidades virtuais, abordando interações sociais de maneira ampla, de forma a analisar, além de conteúdos frutos de interações disponíveis na internet, a dimensão simbólica que atravessa essas interações.

⁸ Partimos da análise discursiva digital (PAVEAU, 2015), que será pormenorizada a seguir neste artigo.

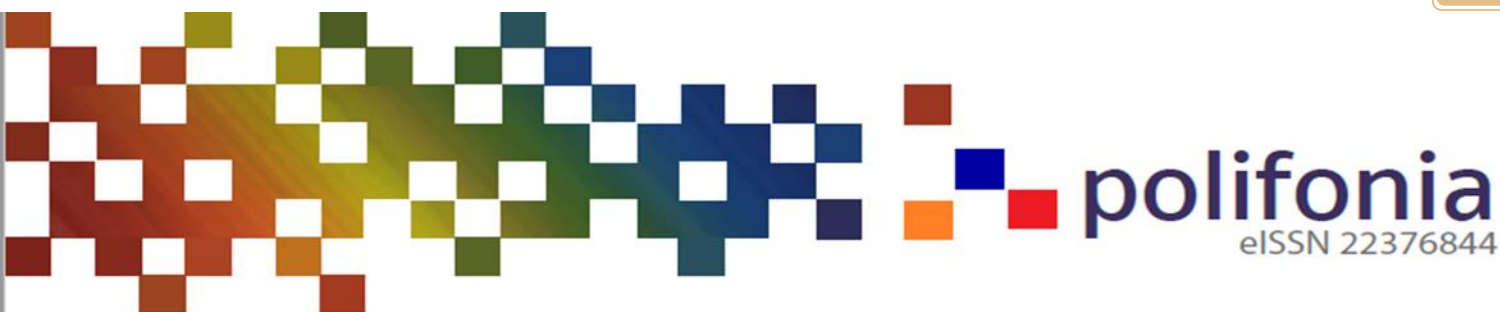


2015, p. 159), e isso ocorre no processo de interpelação ou de exposição ao outro. A experiência narrativizada, “as formas narrativas empregadas na construção relacional das identidades e do conhecimento sobre o mundo”, podem promover potências de mudança, conforme Marques e Biondi (2016, p. 161), atrelando-se a discursos, vivências e afetos.

As possibilidades de testemunho, de deixar rastros e ser sujeita de palavra e de exposição nas redes em Guaribas ainda são também contornadas pelos privilégios masculinos. A escrita testemunhal pode, ainda que lentamente, ajudar a desconstruir a representação hegemônica – seja enquanto mulher, na sociedade guaribana, seja enquanto nordestina, sertaneja, piauiense e, no caso de muitas delas, enquanto beneficiárias do Programa Bolsa Família. Não se trata necessariamente de sair do anonimato ou de vencer um apagamento, mas de permitir a elas um trabalho lento e paciente, artesanal, de construção de um modo de vida que seja vivível, para além da precariedade material (DAS, 2007; 2011), baseado nas artes do ser e do fazer no cotidiano.

Esses testemunhos se ligam, de forma diferente do conhecimento valorizado em âmbito patriarcal, a “uma capacidade maior de perceber o mundo exterior e de sensibilizar-se diante dos sofrimentos, da dor do outro e das demandas sociais” (RAGO, 2013, p. 24). Ao mesmo tempo, eles também superam barreiras quando conferem contornos a “corpos e rostos que nos devolvem o olhar que lhes dirigimos: são corpos e rostos que se constituem em objeto de palavra a partir da posse e do manejo da própria palavra” (MARQUES; BIONDI, 2016, p. 167). Assim, abordar as narrativas dessas mulheres é “explorar os espaços que se abrem a partir da linguagem e da escrita como prática de relação renovada de si para consigo e também para com o outro”, ou, ainda, “explorar a dimensão narrativa da construção do eu na objetivação da experiência” (RAGO, 2013, p. 30).

Em nossa reflexão consideramos os relatos de si como prática de potencial emancipatório que se inicia por uma demanda externa da pesquisadora e, assim, surgem tanto por meio de um “arriscar-se” quanto através de uma exposição recíproca ao risco. Verbal ou fotograficamente, essa experiência em curso – a existência em processo de constituição a partir da narrativa e das elaborações de si – se dá a partir de uma circulação simbólica, em um contexto atravessado por forças e normas que se vinculam aos lugares ocupados pelos sujeitos e suas especificidades. “[...] as narrativas podem ser transmitidas, circulam nas redes sociais a partir do momento em que os Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.42, p. 01-187, abril-junho, 2019.



indivíduos podem ocupar lugares diferentes em seu tecido e isso só é possível uma vez que eles já tenham sido capturados, de alguma forma, na tessitura das histórias” (LEAL, 2006, p. 24).

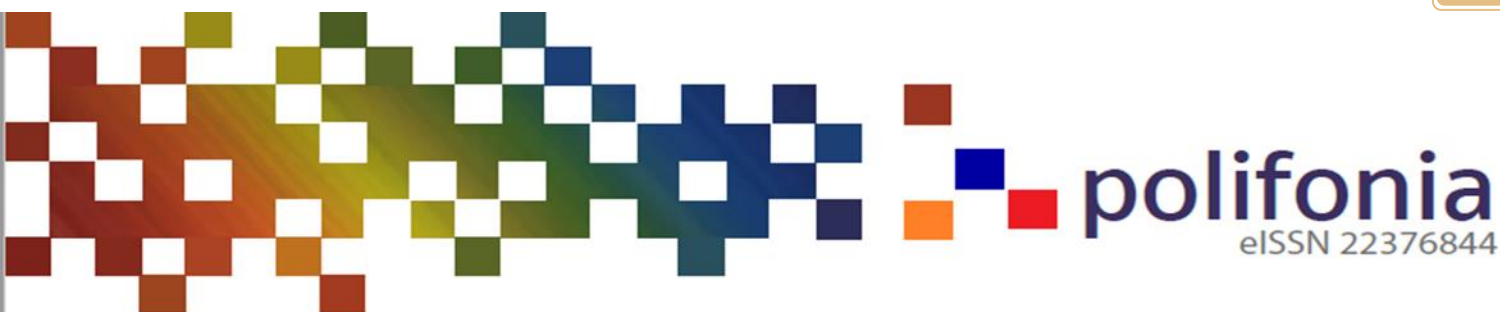
A reflexividade da escrita autobiográfica é pensada aqui como modalidade de uma experimentação narrativa (GUIMARÃES, 2006). A escrita de si, constitutiva das “artes da existência”, seria “uma das tecnologias pelas quais o indivíduo se elabora” ética e livremente, “entendida como um cuidado de si e também como abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional, tendo em vista reconstituir uma ética do eu” (RAGO, 2013, p. 50). Isso implica delimitar um ponto de partida, elencar elementos sequencialmente em uma estrutura narrativa e performativa. “Eu também enceno o si-mesmo que tento descrever; o ‘eu’ narrativo reconstitui-se a cada momento que é evocado na própria narrativa” (BUTLER, 2015, p. 89).

Ser mulher sertaneja, guaribana e escrever no *Facebook* implica uma exposição a riscos desde o acesso à plataforma, que é malvisto por muitos companheiros e familiares, podendo levar inclusive a proibições de uso. Assumir esse risco, burlar o controle eminentemente masculino e existir digitalmente com alguma autonomia traz indícios de uma materialização dos riscos de violência associados à escrita de si, do desafio à autoridade patriarcal que impede a livre expressão das mulheres, do incômodo que a apropriação e o trânsito nas redes sociais provocam.

2.1 A escrita de si digital e os registros tecnodiscursivos

A partir de uma matriz rancièriana, Marques (2014) nos ajuda a pensar em uma política das imagens a partir de sua potência dissensual e disruptiva: “Os indivíduos, quando ‘aparecem’, desencadeiam um processo de subjetivação que se estabelece em cenas polêmicas que são, por sua vez, também criadas pelo ‘aparecer’” (p. 73). Nesse sentido, as fotografias implicadas nessa exposição ou aparecer não se bastam em si mesmas, mas falam muito mais: “a imagem que aparece é *sempre menos* que aquilo que ela torna visível” (ALLOA, 2015, p. 12, grifo do autor).

As imagens, principalmente os selfies, e demais mensagens que circulam no *Facebook* das mulheres guaribanas fazem parte de uma construção enunciativa que ultrapassa a própria materialidade desse conteúdo compartilhado em rede. Realizamos uma análise discursiva a partir da



qual “a enunciação é definida pela sua singularidade de fala, tempo e espaço” (FÍGARO, 2015, p. 13) e o discurso é “efeito de sentido construído no processo de interlocução” (BRANDÃO, 1991 apud FÍGARO, 2015, p. 14). Assim, tanto os textos construídos via rede social são localizados e atravessados por imagens quanto esses registros fotográficos compõem discursivamente as cenas de aparição, imbricados em uma estética da enunciação (LAZZARATO, 2014).

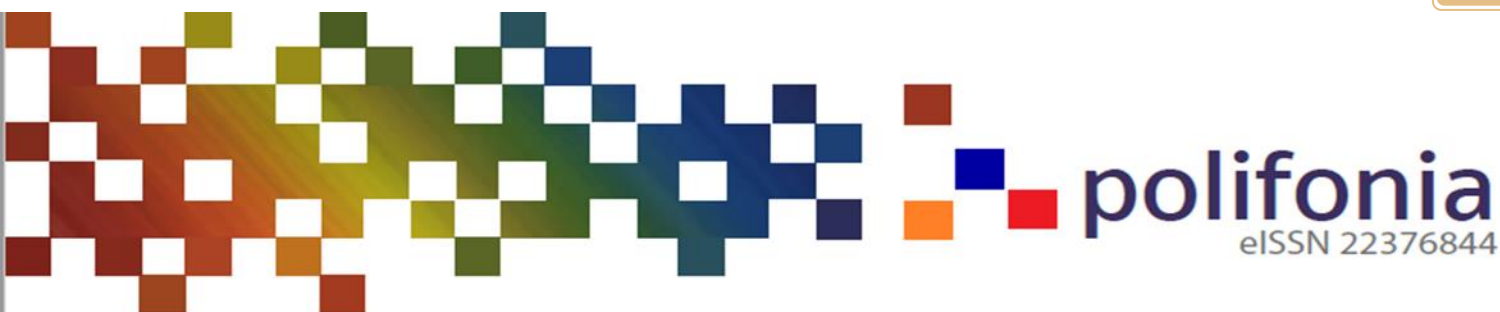
Selfies possuem especificidades, já que sua (in)transitividade se vincula às lógicas tecnológicas das mídias digitais contemporâneas, como afirmam Alloa (2015, p. 14) – “A imagem será pensada sucessivamente na transitividade transparente e na sua intransitividade opaca, sucessivamente como janela e como superfície impenetrável” – e Pastor (2017, p. 159) – “Selfie não é apenas um tipo de imagem, mas também, e principalmente, uma nova prática, um fenômeno global que emerge da relação entre a fotografia e o smartphone”.

O que é trazido por cada selfie postado pelas sertanejas não é facilmente capturável, apesar da sensação de ampla disponibilidade de conteúdo que a interface do *Facebook* causa. Se pensarmos no tempo dedicado à construção de postagens e selfies, bem como a colocá-los em circulação, torna-se perceptível que isso perpassa os mundos e os futuros possíveis, que transbordam o lugar atribuído pelo senso comum ao que é ser “mulher sertaneja”, piauiense, guaribana e/ou beneficiária do Bolsa Família. “Toda fotografia é o despertar no qual as luzes do dia se misturam aos fiapos de sonhos que nos escorrem entre os dedos” (LISSOVSKY, 2012, p. 21).

O selfie é uma prática social atravessada pela intencionalidade, por reflexões e interpretações de origem cultural, relacionando a tecnologia, o self, a materialidade e as redes (HESS, 2015). É também pautado por um potencial conversacional da imagem atrelado ao autorretrato instantaneamente compartilhado (GUNTHERT, 2015).

Na relação entre uso da plataforma da rede social e processos discursivos, a rede social pode constituir, no caso das sertanejas, a condição (interseccional) de existência digital delas, perpassada por valores cristãos e patriarcais, por um olhar para si muitas vezes balizado pelo olhar masculino, mas também pelo reconhecimento de ser vulnerável e desigual em uma sociedade conservadora.

Essas mulheres falam e são ouvidas por pessoas “reais”, já que não há “interlocutor abstrato”, uma vez que a enunciação pressupõe uma “interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN, 1979 apud BRANDÃO, 2015, p. 32): ainda que projetemos um Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.42, p. 01-187, abril-junho, 2019.

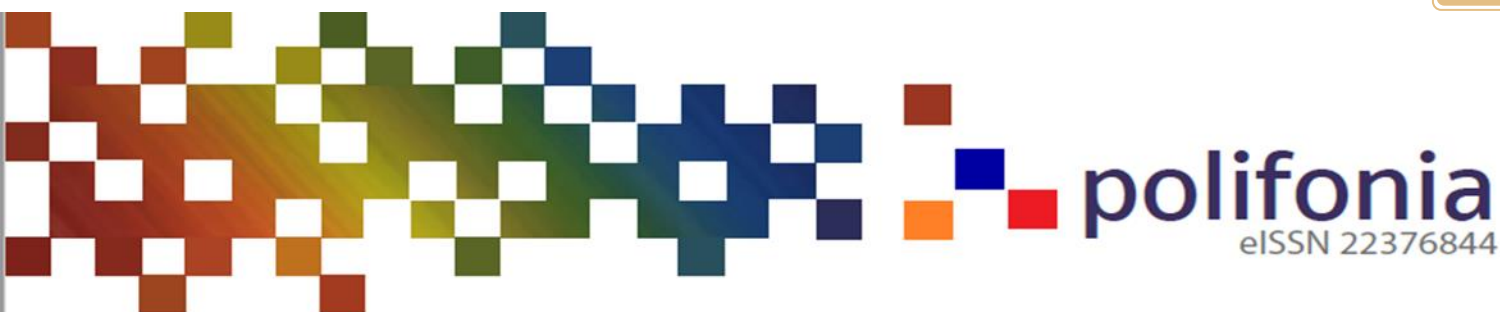


interlocutor ideal, o fazemos considerando a representação de um grupo social, conforme Bakhtin. Dessa forma, as sujeitas têm coragem de relatar a si mesmas, mesmo em um contexto em que a exposição digital é cerceada. Elas levam em consideração esse “outro real” ao planejar o quê e como será postado nas redes sociais. A concepção bakhtiniana de interação verbal e de diálogo “pressupõe a ideia de que toda comunicação verbal, de qualquer tipo, faz parte de uma corrente de comunicação ininterrupta em que o ‘outro’ está sempre pressuposto não de forma passiva, mas ativa, orientando a construção do discurso” (BRANDÃO, 2015, p. 33).

A escrita de si digital pressupõe, enquanto texto, alguém interessado em acessá-la, bem como antecipar reações sobre o que será postado, o que também está conectado à vigilância presencial a que elas estão expostas constantemente e que limita espaços e formas de expressão. Os relatos verbo-visuais são possíveis através de uma plataforma que tem limites e que opera conforme uma lógica de visibilidade financeiramente capitalizada. No entanto, ao ser apropriada por essas mulheres, a rede social potencializa agenciamentos e mudanças sobre quem pode aparecer e se autorrelatar, contando em espaços que transcendem a esfera privada.

A performance das mulheres é a elaboração de uma *mise en scène* permeada por filtros, apropriando-se de tendências e postulados de uso do *Facebook*. No entanto, há uma exposição mais próxima de seu cotidiano do que as representações midiáticas comumente trazidas para falar da “mulher sertaneja”. O uso de recursos como a ironia, presente em algumas postagens e mensagens compartilhadas, pode causar desconforto, chamando atenção para o que está implícito e convocando outros adeptos da plataforma a entender melhor situações do cotidiano, sobretudo as violências e opressões que as atingem.

A natureza tecnodiscursiva do que foi analisado na rede social nos levou a uma análise discursiva digital (PAVEAU, 2015). O ponto de partida foi considerar a “tecnologia discursiva”, que seria a reunião de processos discursivos em ambientes tecnológicos (PAVEAU, 2015, p. 3). Não pudemos desconsiderar a apropriação de *hashtags*, bem como de reações da plataforma, antes limitadas à possibilidade de “curtir” algo, multiplicadas durante a pesquisa: além da opção “curtir”, o *Facebook* permite também que os internautas escolham uma dentre outras cinco reações para cada publicação: “Amei” (*emoticon* de coração), “Haha” (*emoticon* de risada), “Uau” (*emoticon* de assombro ou surpresa), “Triste” (*emoticon* com uma lágrima) e “Grr” (*emoticon* com raiva).



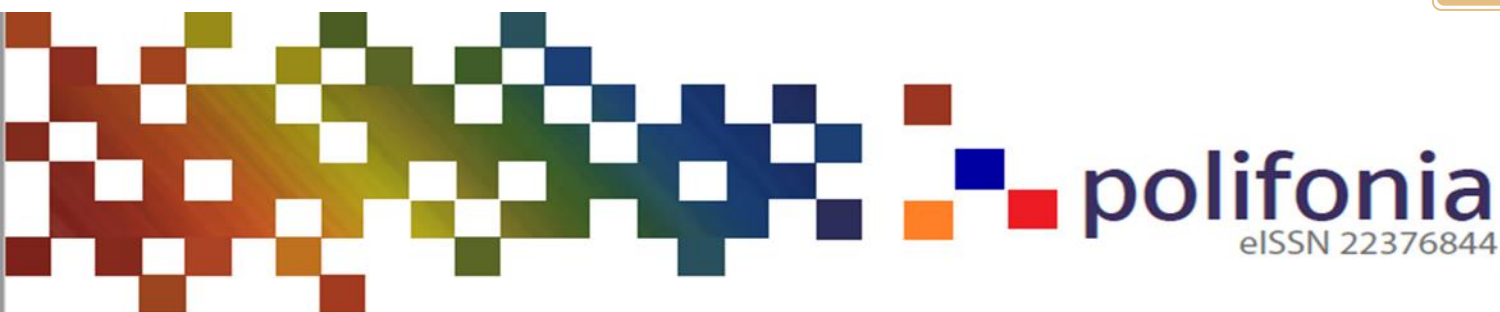
O pedido de amizade no Facebook é, de fato, um gênero tecnológico porque ele passa de forma nativa e obrigatória pelo botão de adicionar. Os formatos podem variar: pedido tecnodiscursivo bruto por simples clique no botão, pedido acompanhado de uma mensagem informal ou mais formal, retomando os códigos do correio eletrônico ou a carta, por exemplo. Da mesma forma, existe uma forma de discurso nativo na web que eu chamo de tecnodiscurso relatado, porque difere das formas desenvolvidas nos impressos offline: o compartilhamento de textos na web, que é trabalhado por um certo número de dispositivos, torna possível relacionar as palavras dos outros de uma maneira muito específica, isto é, tecnodiscursiva. (PAVEAU, 2015, p. 11, tradução nossa).⁹

Na internet, a linguagem se constitui como híbrida (PAVEAU, 2015), de forma que os suportes e conteúdos se mesclam. A escrita de si digital não é, na pesquisa que original este artigo, limitada a pensar interações em um “mundo virtual”, porque não partimos de um dualismo entre “real” (off-line) e “virtual” (online) (PAVEAU, 2015). Esses testemunhos e construções verbo-visuais são parte de sua vida e constituem um gesto político que está atrelado também a experiências que precedem o acesso à internet (e à energia elétrica, para algumas delas). O digital viabiliza relações, encontros e experiências que não podem ser excluídos da realidade.

Vale ressaltar que não foram feitos esforços para “provocar” reações nos perfis dessas mulheres, nem no perfil da própria pesquisadora, que se limitou a observar as interações e postagens e deixou seu perfil (pessoal) aberto para que elas pudessem interagir, caso quisessem (o que aconteceu poucas vezes). Não acreditamos que seria desejável, nesse caso, criar um perfil profissional apenas para manter contato com elas, nem seria honesto, já que elas abriram seus perfis pessoais à nossa observação. Assim, não houve a “gestão estratégica” de nosso perfil em função da pesquisa, mas uma clara abertura ao contato e à visibilidade, inclusive, de ideias e conteúdos destoantes de alguns posicionamentos manifestados durante as entrevistas.

Analisamos aspectos que compõem uma espécie de “cenografia digital”, assim como a apropriação do ecossistema da interface para o compartilhamento simples de conteúdos e o

⁹ No original: “La demande d’amitié sur Facebook est en effet un véritable technogénre car elle passe nativement et obligatoirement par le bouton ajouter. Les formats peuvent varier : requête technodiscursive brute par simple clic sur le bouton, demande accompagnée d’un message informel ou plus formel, reprenant les codes du courrier électronique ou de la lettre par exemple. De même, il existe une forme de discours rapporté native du web, que j’appelle technodiscours rapporté, car elle se distingue des formes élaborées sur les corpus imprimés hors ligne : le partage de textes sur le web, qui est outillé par un certain nombre de dispositifs, permet de rapporter les paroles d’autrui de manière tout à fait spécifique, c’est-à-dire technodiscursive”.



compartilhamento com elaboração de algum enunciado, citando o conteúdo compartilhado. Também observamos os tipos de imagens, “imóveis ou em movimento (fotografias, filmes, gifs, memes, desenhos de animação)” (PAVEAU, 2015, p. 14). Além disso, foi importante atentar para o borramento entre público e privado na construção dos relatos e na visibilidade dos afetos constitutivos dessa escrita de si, refletindo também sobre seus possíveis desdobramentos.

3 A escrita de si em selfies e postagens

Fábia¹⁰ tem 36 anos, é beneficiária do Bolsa Família, mãe de três filhos, separada do marido e sabe bem o que é ser alvo de preconceitos. Quando a conhecemos mais profundamente, em abril de 2015, ela fazia “bicos” como empregada doméstica e, após a separação, vivia com a mãe, a irmã e dois filhos na casa da mãe dela (o filho mais velho vivia em São Paulo). Casou-se aos 16 anos e voltou a estudar após o rompimento com o ex-marido.

Explicar o contexto dela é muito importante, pois dentre as adeptas da rede social que entrevistamos ela era uma das que apresentava situação mais frágil, financeira e simbolicamente, falando, à medida que reúne muitas características socialmente marginalizadas: ser mulher, mãe, negra, separada, beneficiária de programa de transferência de renda, desempregada (situação que se manteve entre 2015 e 2017), sem imóvel próprio e, ao início da pesquisa, sem ensino médio completo. Ela possuía, além de Facebook, também o WhatsApp, o que é bastante comum na região.

Fábia se considera feliz na rede social (em frases e fotos) e reafirmou isso na primeira entrevista, apesar dos preconceitos que sofre por não ser mais casada, o que provavelmente está ligado a uma série de mensagens que ela compartilha de autoajuda e de conteúdo religioso e/ou bíblico. Ela, assim como muitas outras mulheres em Guaribas, tem mais de um perfil na rede social, que podem ser usados em simultaneidade ou abandonados em detrimento da criação de um novo perfil a ser atualizado.

¹⁰ Nome fictício de uma das entrevistadas na pesquisa, cuja experiência é foco deste artigo.

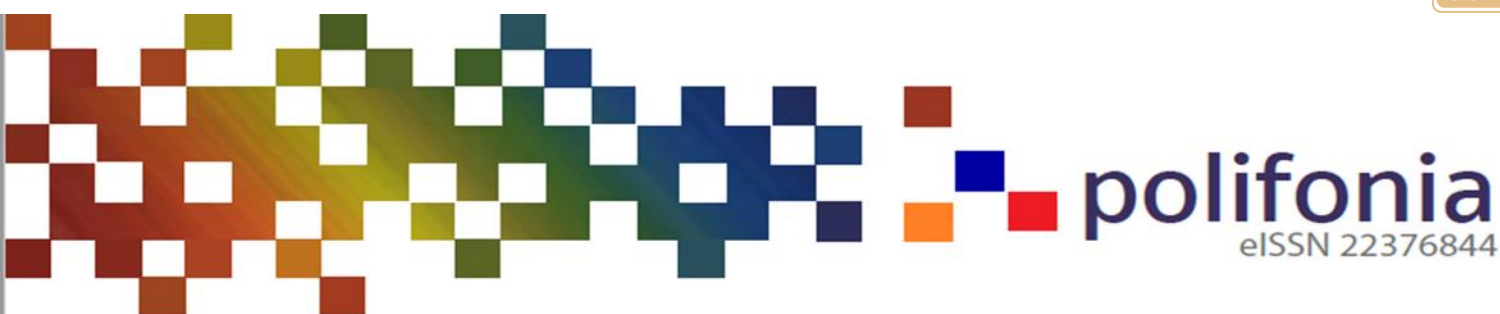
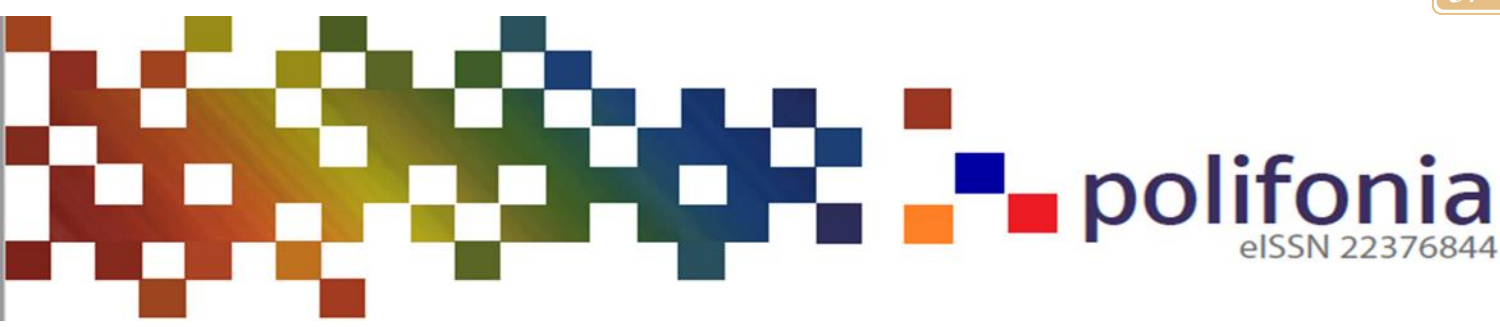


Figura 1 – Foto do terceiro e mais recente perfil de Fábيا
Fonte: Captura de tela do Facebook

Sua exposição no Facebook inicialmente era constituída por roupas (como um uniforme de policial, ou algumas peças de roupa específicas) que ela parece gostar (e que se repetem), por ausência de sorrisos, gestos (como fazer o símbolo do coração com as mãos ou tirar uma foto em uma paisagem com os braços abertos, sugerindo liberdade). Associando sua performance online aos relatos obtidos na primeira entrevista, apesar de ela não usar tão frequentemente a plataforma quanto outras mulheres entrevistadas (o que dependia bastante de seu acesso aos computadores do Espaço do Banco do Nordeste em 2015, local público de acesso à internet desativado dois anos depois), parecia haver uma tentativa de busca por uma “outra Fábيا”, de quem ela afirmava que gostava mais, por traços identitários que se modificaram com as responsabilidades (casamento e maternidade) que adquiriu.

Em 2017, a impressão de Fábيا de haver mais gente usando o Facebook se deu não apenas pelo aumento da quantidade de adeptos da plataforma em si na região, mas também pelo fato de ela ter passado a usar a rede social com um pouco mais de confiança: nos três anos de monitoramento de seus perfis, é nítido que ela passou a postar e interagir mais frequentemente, a descrever em suas palavras momentos importantes e postar fotos do cotidiano. No entanto, embora sua filha mimetize muitas poses comuns do Facebook, como a *duck face*¹¹, nas várias fotos que tira com ela, Fábيا critica bastante esse tipo de mimetização, porque seriam fotos, no caso de jovens adultas, com objetivo de “se aparecer”, de ganhar visualizações de maneira vazia e chamar atenção. Para ela,

¹¹ Expressão facial com “biquinho” comum às selfies de redes sociais, o que a entrevistada ironiza chamando de “bicão”. Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.42, p. 01-187, abril-junho, 2019.



quem se arruma mais para as fotos de rede social tem o objetivo de chamar a atenção de alguém no *Facebook*:

Tem mais gente usando o Facebook... Eu acho assim, que, o que mais chama assim atenção no Facebook são as fotos. Depende... porque tem gente que bota pra se aparecer. Com bicão... aí eles vão comentar, aí quanto mais eles comenta, mais elas dão vontade de colocar mais foto. Eu acho assim. [...] Tem delas que coloca na cama, veste um shortinho bem curtinho, coloca na cama, aquilo dali é pra chamar atenção, ou então pra alguém colocar ‘Tá linda’, ‘Você tá top’. Aí quanto mais você comenta, mais ali dá vontade de você postar foto.¹²

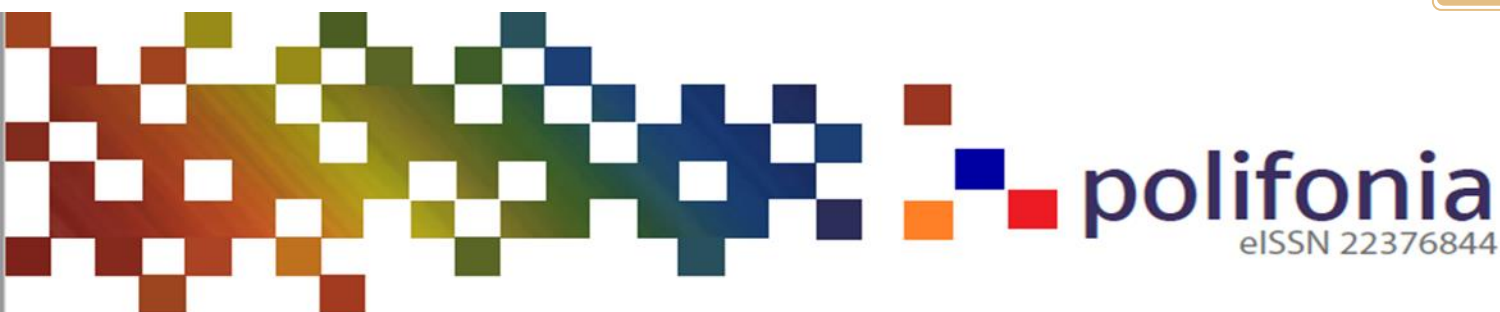
Fábيا tira muitas fotos, afirmando nas entrevistas que gosta de tirar fotografias e fica mais feliz quando comentam sobre a filha dela, ressaltando que isso “depende do comentário”. Sua filha não tinha perfil na rede social e nossa entrevistada disse que só teria quando “ela tiver de maior” (alcançar a maioridade). Ela diz escolher uma foto para postar depois de refletir bastante sobre a roupa: “Ah, pra mim botar uma foto, eu olho primeiro, revejo, se realmente é aquela foto que eu quero colocar, se eu tô adequada, se eu não tô... como é que tá a minha roupa”.¹³



Figura 2 – Foto arrumada, um exemplo de roupa adequada para Fábيا
 Fonte: Captura de tela do Facebook

¹² Fábيا, em entrevista concedida em 06 jan. 2017.

¹³ Fábيا, em entrevista concedida em 06 jan. 2017.



O conceito de adequado para ela se relaciona a valores religiosos, a uma dimensão moral de decência que parece não acompanhar as fotos “na cama” que criticou durante a entrevista em janeiro de 2017. No entanto, isso também se articula à dimensão cultural do luto que atravessa o cotidiano guaribano. O “adequado” para ela é quando:

[...] tá a roupa comportada, vê se não tá mostrando muito isso aqui [gesticula e mostra o colo]... às vezes eu coloco foto não pra chamar atenção das pessoas que... pra me ver. Simplesmente porque eu tenho face e aí eu tiro uma foto, quando eu vejo que aquela foto tá mais ou menos, aí eu vou lá e joga no Face. Mas depois que a minha mãe morreu, não sei se cê percebeu, depois que a minha mãe morreu, eu tenho colocado mais da minha filha. Eu não tenho colocado foto minha, eu tenho evitado. Porque pra mim, a alegria... [faz menção ao fim da alegria].¹⁴

Essa ideia de adequação também tem um fator complicador muito importante: a baixa autoestima das mulheres, sobretudo de Fábía. Ela, que nunca usou maquiagem, não se considera feia, mas também não se acha bonita nem atraente, por não ser branca nem ter olhos claros, por exemplo. “Já eu não me acho [bonita]. Eu me olho assim no espelho... a única coisa que eu me acho mermo, que eu me acho bonita é minhas perna. Não é fácil. Às vezes você se olha pro espelho e fala assim: ‘Também não é de se desmerecer né?’ Eu não me acho a galã, entendeu?”.¹⁵ Aquilo que valoriza é algo constantemente visibilizado nas fotos, à medida do que considera “adequado”.

No campo afetivo, ela afirma que ser mulher já é difícil, pelas cobranças sociais e pelos desrespeitos. “Num pé onde não tem um esposo, todo mundo quer botar a mão. Ser mulher é complicado. Ser mulher não é nada fácil. Tudo tem que ser mulher, em todo meio das coisas tem que ter mulher por o meio. A mulher é isso, é aquilo. Pra mim, a palavra ‘mulher’ já é difícil”.¹⁶ Assim, isso se relaciona ao compartilhamento de mensagens sobre “estar sozinha ser melhor do que estar mal acompanhada”, tanto em críticas à falência dos casamentos – nos termos em que as famílias de Guaribas tentam mantê-los, baseados em estruturas de profunda desigualdade e opressão – quanto de forma a afirmar-se enquanto pessoa que merece respeito, sendo mulher separada.

¹⁴ Fábía, em entrevista concedida em 06 jan. 2017.

¹⁵ Fábía, em entrevista concedida em 06 jan. 2017.

¹⁶ Fábía, em entrevista concedida em 23 abr. 2015.



Figura 3 – Compartilhamento de post sobre ser segura e não precisar de um homem
Fonte: Captura de tela do Facebook

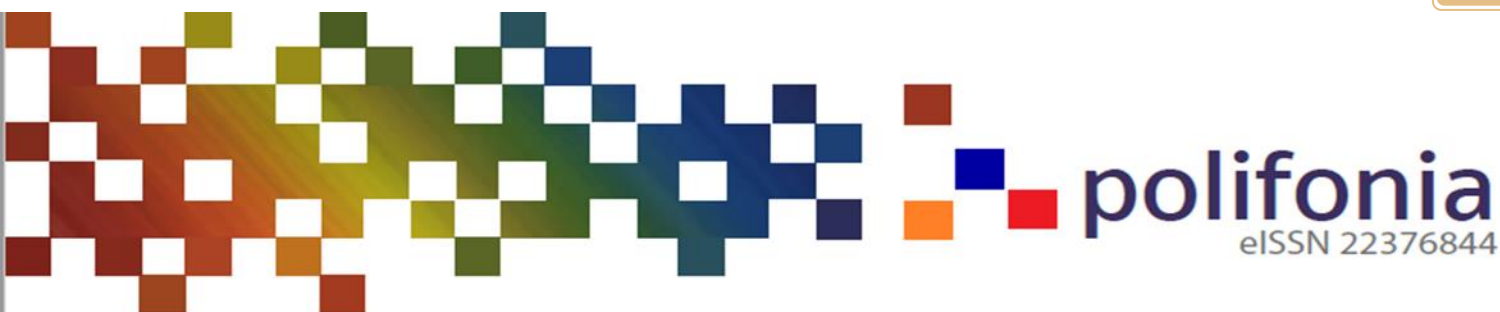
Isso também está presente nas relações que consegue manter e que são estendidas às pessoas que aparecem com ela na plataforma e constituem sua rede de contatos. Uma das poucas amigas que aparecem com frequência com ela nas imagens postadas é a única que ficou dentre as amigas de infância. Algumas se afastaram depois que ela se separou, algumas mudam de cidade, casam e se afastam. Vale ressaltar aqui que a religião é também um refúgio para amenizar a vida sofrida da mulher, já que confere um pouco mais de segurança e respeito diante dos homens da cidade.



Figura 4 – Foto com filha e amiga, que frequentemente aparecem em seus registros, na Marcha para Jesus
Fonte: Captura de tela do Facebook

Nesse sentido, o fato de haver postagens na igreja não deixa de ser estratégico, além de ser um ambiente que considera mais bonito que sua casa, que é bastante simples. Assim, além de demonstrar sua fé, consciente e inconscientemente existe também uma compreensão das “receitas” e “padrões” vigentes para ganhar curtidas e visibilidade com suas postagens, investindo em formas de conseguir agradar na rede social: quais tipos de fotos, de cenários, de mensagens etc. Isso é adquirido com a experiência na rede, com os aprendizados, inclusive com frustrações, como após alguns comentários pejorativos que fizeram a ela por conta de uma foto postada acompanhada de um homem logo após sua separação. No entanto, era uma foto com um sobrinho.

Mesmo com obstáculos às interações, que vão além da infraestrutura e passam por uma vigilância patriarcal de seus rastros digitais (a partir da observação e de críticas que as pessoas fazem sobre o que ela posta, do interesse por saber quem são as pessoas com quem tira fotos e se são consideradas “companhias adequadas a uma mulher”, e se ela se porta de forma esperada para uma mulher evangélica nas redes sociais), Fábria considera que ter *Facebook*, aparecer e comentar, ajuda a ser reconhecida por outras pessoas: “Eu acho, minha impressão é que ajuda bastante. Se eu Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.42, p. 01-187, abril-junho, 2019.



lhe conheço e eu curti sua foto e comentei, aí outras pessoas já vão ver que eu curti e comentei. Aí vão ficar pensando: ‘Também vou curtir’. Entendeu? Eu acho que ajuda”.¹⁷ Assim, esse olhar é um outro elemento que dá indícios de compreensão de algumas lógicas de visibilidade da rede social, que atravessam a interface em si e impactam as relações.

Mesmo com a dor da perda ainda recente da mãe, a entrevista de 2017 e as postagens no *Facebook* mostraram uma mulher que não anulou os sonhos e não desistiu de ter dias melhores. “Tenho grandes sonhos! Tô acreditando e tentando conquistar um aí que eu espero em Deus que eu vou conseguir! Vai ficar em segredo! Cê me perdoe...[risos] Tô tentando conquistar, né? Quem sabe que um dia eu conquiste, aí eu vou colocar foto no Facebook e aí você vai ver!”.¹⁸ Embora não tenha nos contado, não é difícil depreender que esses sonhos estavam relacionados à mudança que ela faria no final do ano de 2017 para trabalhar em São Paulo, levando a filha mais jovem consigo. De fato, soubemos disso a partir da rede social. Também havia continuamente em sua fala um desejo por recuperar, mais uma vez, uma Fábria que não estava ali, que se preocupava consigo mesma, com dieta, com a aparência “mais magra, mais light, mais bonita!”.

Além disso, é interessante pensar no impacto do *Facebook* na autorrepresentação de Fábria dentro da plataforma, mais especificamente no cartão de visitas da rede social: a foto de perfil. A imagem de uma mulher séria, encarando de maneira desconfiada e pouco confortável a câmera, sem um sorriso, passa a ser a de uma mulher convicta, segurando um microfone publicamente (Figura 5), adaptado com um tema/montagem que simula uma audiência em um palco.

¹⁷ Fábria, em entrevista concedida em 06 jan. 2017.

¹⁸ Fábria, em entrevista concedida em 06 jan. 2017.

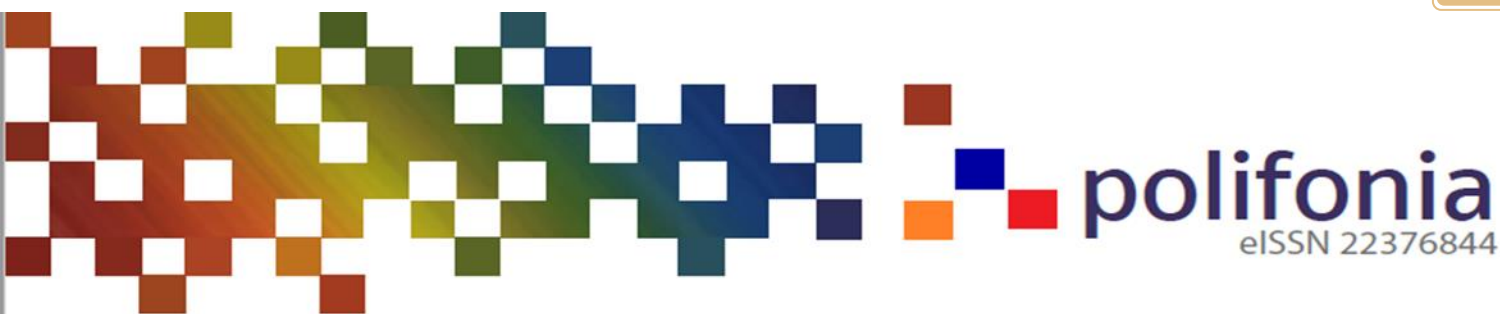


Figura 5 – Foto mais recente do perfil em uso
Fonte: Captura de tela do Facebook

Após a migração para o estado de São Paulo, também vale destacar que ela agora tem fotos sorrindo, de um cotidiano mais leve e não necessariamente vinculado ao cenário da igreja, embora também ainda se dê destaque às fotos tiradas durante rituais evangélicos.

Ainda assim, o cenário doméstico que envolve muitas fotos continua a visibilizar vulnerabilidades comuns a uma migrante nordestina que trabalha em São Paulo: mora em uma casa simples, não tem um emprego que mudará sua classe social, mas garante a sobrevivência e, aparentemente, uma casa menos precária que os cenários domésticos visibilizados anteriormente. Isso vai desde um ambiente dividido por portas, não cortinas, até uma cozinha melhor equipada, uma casa melhor iluminada.

Vale ressaltar que o terceiro perfil foi criado à época da transição/migração pela qual passou no segundo semestre de 2017. O perfil mostra uma mulher que parece estar disposta a recomeçar, que ousa e se arrisca mais imagneticamente, que aumentou o ritmo de postagem de selfies, mais confiante, mas que ainda mantém um cuidado frente ao que publica, que já delimita com mais



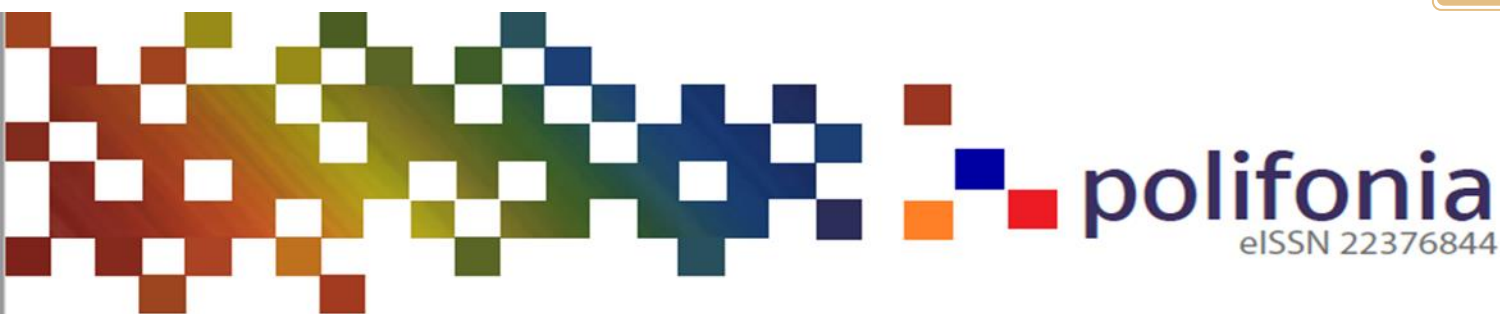
cuidado as fotos que aparecerão “aos amigos do Facebook” e as que serão públicas. É muito menos uma mulher enlutada (antes, o que se destacava) do que outras coisas: alguém que continua louvando, afirmando sua fé, trabalhando, mas também buscando momentos de diversão e interação, como em fotos publicadas por amigos em restaurantes, ou mesmo no compartilhamento de testes de maquiagem que viralizam na plataforma.

4 Considerações finais

Enquanto a perspectiva da subjetivação em Foucault confere muita ênfase ao trabalho individual do sujeito sobre si mesmo, o caso das sertanejas se aproxima mais da presença do eu narrativo em um trabalho de reconstituição constante dos vínculos e condições que tornam a vida possível. O enfoque se dá mais no sujeito situado em redes de relações que nos dilemas éticos ligados ao “eu” sujeito.

Colocar-se em cena, compartilhar emoções e selfies, constituindo-se em uma espécie de autorrepresentação, torna-se, portanto, uma chance de criar e elaborar formas de apropriação de si, a partir das técnicas de si foucaultianas e da perspectiva da escrita de si inspirada sobretudo em Rago e Butler. O uso criativo de ferramentas digitais compõe esse aparecer assim como constitui uma reinscrição nos feminismos: resistir e reexistir se associam a uma reivindicação de existência social, ainda que ela se dê mais fortemente no âmbito digital do que no presencial, diante dos constantes silenciamentos e opressões que sofrem em seu cotidiano. Existe uma autonomia em devir que combina “relatos de si” produzidos no *Facebook* com um processo de construção da subjetividade política das sertanejas entrevistadas, de forma que isso ganha contornos no “aparecer”, ou seja, na elaboração de modos de expressão, performatividades e racionalidades afetivas que conjuguem experiência singular e experiência coletiva, ética e justiça social.

Os mecanismos e modos de sociabilidade, mediados pela técnica, se modificam na plataforma do *Facebook* e constituem lógicas de visibilidade: não há viralização de qualquer conteúdo e não percebemos esse tipo de holofote sobre as publicações das sertanejas com quem trabalhamos durante o tempo da pesquisa. No entanto, em nível local, na esfera comunitária



presencial dessas mulheres, a interferência do *Facebook* se dá de forma a extrapolar os postulados de uso da plataforma. As mulheres, ao se apresentarem e se comunicarem na rede social, passaram a adquirir competências e a se apropriar da plataforma de forma emancipadora, ainda que não completamente autônoma: há fotos de perfil melhor elaboradas (se comparadas às anteriores) para se autorrepresentar, há elementos que falam de vidas em transformação, que ora são representadas a partir de restrições que já existem nas interações interpessoais (sobre como a mulher deve ou não se portar perante outras pessoas), ora extrapolam o medo de exposição, uma vez que as restrições e monitoramento do *Facebook* são, ainda que inconscientemente, experimentados no cotidiano da pequena cidade de Guaribas.

Referências

ALLOA, E. Entre a transparência e a opacidade: o que a imagem dá a pensar. In: ALLOA, E. (Org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 7-19.

BRANDÃO, H. N. Conceitos e fundamentos: enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, R. (Org.). *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 19-43.

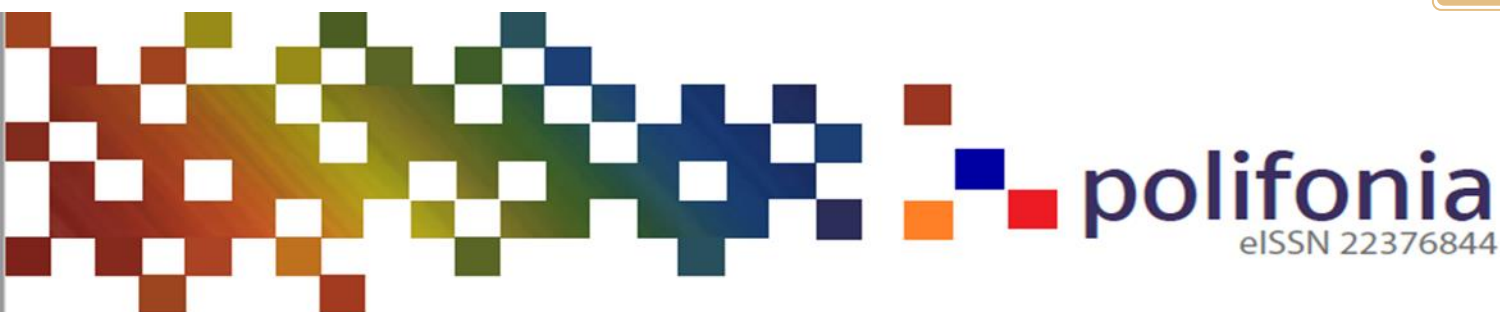
BUTLER, J. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CAPAI, Elisa. *PI: cidade piloto do Bolsa Família retrata revolução na vida de mulheres*. Portal Terra, 2013. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/pi-cidade-piloto-do-bolsa-familia-retrata-revolucao-na-vida-de-mulheres,bfd216bbd96c0410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

DAS, V. *Life and Words: Violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2007.

DAS, V. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos Pagu*, São Paulo, v. 37, p. 9-41, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n37/a02n37.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

FIGARO, R. Introdução. In: FIGARO, R. (Org.). *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 9-17.



GUIMARÃES, C. O ordinário e o extraordinário das narrativas. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. R. V. (Org.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 7-16.

GUNTHER, A. La consecration du selfie. *Études Photographiques*, v. 32, 2015.

HESS, A. The Selfie Assemblage. *International Journal of Communication*, v. 9, p. 18, 2015.

IBGE. Coordenação de Trabalho e Rendimento. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2015*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

IBGE. *Estimativas da População Residente nos Municípios Brasileiros com Data de Referência em 1º de Julho de 2017*. 2017. Disponível em: <https://downloads.ibge.gov.br/downloads_top.php>. Acesso em: 20 dez. 2017.

LAZZARATO, M. *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: Sesc/n-1 edições, 2014.

LEAL, B. Saber das narrativas: narrar. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. R. V. (Org.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 19-27.

LEITE, F. Grounded Theory construtivista: procedimentos e técnicas para construir teorias substantivas que alcancem as sensibilidades da experiência estética dos processos comunicacionais. In: MENDONÇA, C. M. C.; DUARTE, E.; CARDOSO FILHO, J. (Org.). *Comunicação e Sensibilidade: pistas metodológicas*. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016. p. 55-75.

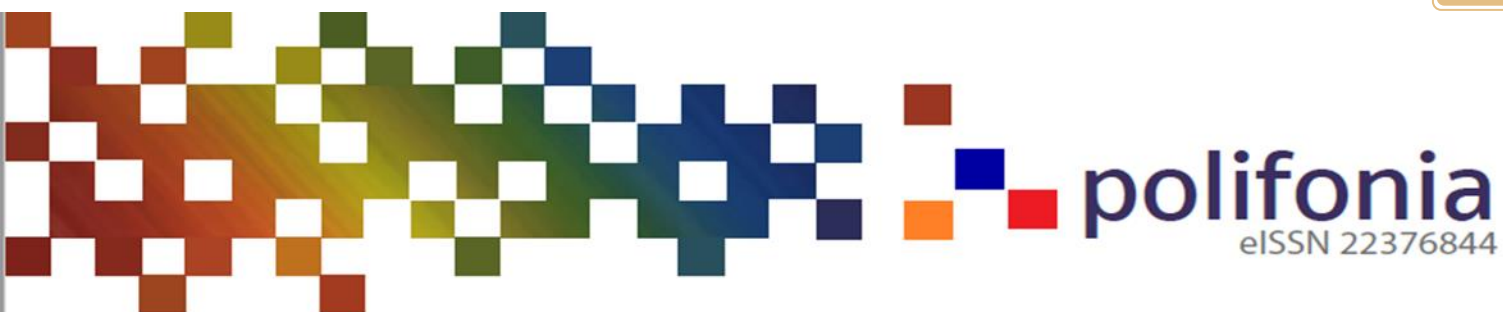
LISOVSKY, M. Os fotógrafos do futuro e o futuro da fotografia. In: MONTAÑO, S.; FISCHER, G.; KILPP, S. (Org.). *Impacto das novas mídias no estatuto da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 13-27.

MARQUES, A. C. S. Política da imagem, subjetivação e cenas de dissenso. *Discursos fotográficos*, v. 10, n. 17, p. 61-86, 2014.

MARQUES, A. C. S.; BIONDI, A. A vítima enunciada em redes: o dissenso como experiência estética. In: MENDONÇA, C. M. C.; DUARTE, E.; CARDOSO FILHO, J. (Org.). *Comunicação e Sensibilidade: pistas metodológicas*. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016. p. 161-182.

PASTOR, L. Prática do selfie: experiência e intimidade no cotidiano fotográfico. *Contracampo*, Niterói, v. 36, n. 2, p. 157-173, ago. 2017/nov. 2017.

PAVEAU, M.-A. L'intégrité des corpus natifs en ligne. Une écologie postdualiste pour la théorie du discours. *Les cahiers de praxématique*, Montpellier, Presses universitaires de la Méditerranée, Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.42, p. 01-187, abril-junho, 2019.



2015, *Corpus sensibles*. Disponível em: <<https://hal-univ-paris13.archives-ouvertes.fr/hal-01185710/file/PaveauTxtCP20.06.13REVU.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2017.

RAGO, M. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.